

2 — A MORTE DE UM BRAVO

(CAMPANHA DE CANUDOS)

Gen JOÃO PEREIRA DE OLIVEIRA

As forças expedicionárias do valoroso coronel Antônio Moreira César haviam chegado, enfim, aos 3 de março de 1897, ao morro da Favela, aquêl morro desnudo e sáfaro, que tão famoso ia fazer-se, a começar dali. Constituíam-nas o 7º Batalhão de Infantaria, comandado interinamente pelo major Rafael Augusto da Cunha Matos, o 9º, sob o comando do coronel Pedro Nunes Tamarindo, frações do 16º e 33º, dirigidas pelo capitão Joaquim Quirino Vilarim, uma bateria de quatro Krupps do 2º Regimento de Artilharia de Campanha, comandada pelo capitão José Salomão Agostinho da Rocha, um esquadrão de cinqüenta praças do 9º Regimento de Cavalaria, ao mando do capitão Pedreira Franco, um contingente da força policial baiana, serviço de saúde e uma comissão de engenharia. Fizeram-no, porém, depois de largas e fatigosas marchas, por caminhos agros e pulverulentos, e, o que mais é, castigadas cotidianamente do sol queimoso daquelas regiões ignotas e desamparadas. De feito que, como é fácil de imaginar-se, eram, naquele infausto e já longínquo dia, as mais desfavoráveis possíveis, verdadeiramente, as condições da tropa para uma arremetida séria, e, sobretudo, contra um inimigo reconhecidamente audaz, e, do mesmo passo, fortalecido pela crença despropositada de invencibilidade que lhe infundira, em anos sobresseguidos de predicação, o esmaniado que o chefiava, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro. Isto não obstante, levado muito mais, talvez, dos impulsos da lamentável enfermidade que o torturava, do que mesmo do seu sabido e proclamado arrôjo, Moreira César não trepidou em acometer, imediatamente, aquêl antro perigoso da ignorância e do bandoleirismo.

Pouco passava, ainda, das 13 horas, quando, apoiada pelos canhões de Salomão da Rocha, a infantaria, depois de transpor o Vasa-Barris, penetrou naquela cidadela desmedida e lóbrega. Tanto, porém, que o fêz, já se não pôde manter no dispositivo com que iniciara, entusiasticamente, o ataque. Entrou a fragmentar-se em grupos, que se iam tornando cada vez menores, à proporção que enveredavam, estonteadamente, por suas mil ruelas tortuosas e desasseadas, a refregar a arma branca e a tiros com a caterva abominanda dos conselheiristas, e acabou por dissolver-se de todo o ponto. Ora, essa desagregação da tropa, quando ocupava, apenas, uma parte do arraial, pois a outra, à

direita, onde findava o caminho de Geremoabo, continuava incólume, foi, naturalmente, um grave mal, que nem mesmo o emprêgo do esquadrão de cavalaria e do contingente policial alcançara remediar, e cujas funestas conseqüências não tardariam a manifestar-se.

Ainda, de feito, não caíra a noite, com seus mistérios e com seus pavores, e já aquela congérie imensa em que se transmudara a tropa, antes coesa, disciplinada e impávida, começava a atravessar, de novo, precipitadamente, o rio. E o pior é que já a êsse tempo se havia acolhido a um palhal em ruínas, a Fazenda Velha, com dois ferimentos sérios, o comandante da expedição.

Transposto o Vasa-Barris, os oficiais e praças amontoaram-se junto à artilharia, num tumulto enorme, aturdidos e desalentados. O lugar, porém, em que ela se localizara estava bem próximo do Vasa-Barris, e, portanto, passível, talvez, de um assalto à noite, pelos quadrilheiros. Deliberou-se, assim, deslocarem-se todos para o morro do Mário, quatrocentos metros à retaguarda.

Apesar de tudo, alguns oficiais ainda pensaram em novo ataque, no dia subseqüente, à Meca dos sequazes do Conselheiro. Com a notícia, porém, pela madrugada, da morte de Moreira César, não houve mais cogitar de outras quaisquer operações contra os turbulentos, porque no ânimo da maioria não passou a imperar, irresistivelmente, senão a ânsia de encontrar, na retirada, a salvação. E a retirada iniciou-se, efetivamente, já antes mesmo de raiar o dia. Para protegê-la, permaneceram, apenas, no morro do Mário, com as suas guarnições reforçadas por elementos de infantaria, os canhões de Salomão da Rocha.

A princípio, a jagunçada se manteve quêda. Não os hostilizou. Quando êles, porém, se movimentaram, de ordem de seu intrépido e disciplinado chefe, investiu-os violentamente, sequiosa de sangue e de vingança, num vozeio horrendo, estimulada pelo badalar incessante do sino, em baixo, no falanstério do anacoreta insano.

Pouco depois, a retirada, em razão do pânico que se apossara das forças expedicionárias, transfez-se em desabalada fuga. Somente Salomão da Rocha é que se não deixou arrastar na enxurria daquela debandada louca. Continuou a retirada, com a sua bateria, em marcha ordenada e lenta, durante a qual parava, de quando em quando, para reduzir a tiros a corja de amotinados broncos, que tentava, por todos os meios, apoderar-se de seus canhões.

Dava, assim, aquêlo modesto capitão de artilharia, naquelas paragens remotas e desgovernadas, o exemplo edificante de um chefe bravo, que não sabe furtar-se aos perigos, nem mesmo à morte, no cumprimento de seu dever. Enquanto a grande maioria dos oficiais e praças da expedição se deixava tomar do pânico, Salomão da Rocha afrontava, com assombrosa serenidade e determinação, aquelas hordas tumultuárias de indivíduos facinorosos, vezados à mangalaça e aos crimes de toda a sorte.



Aquêles espetáculo maravilhoso, porém, em que um oficial, até então sem fama, enfrentava, estóico, com tão pouca gente, áquelas vagas rugidoras e impetuosas de celerados, não podia, de ver esta prolongar-se por muito tempo. Havia de ter, evidentemente, a breve trecho, um epílogo, pois o círculo dos agressores se restringia, de instante a instante, em tórno de seus canhões, embora êstes continuassem, a espaços, a arreversar, atroadoramente, projéteis e mais projéteis sôbre o matagal terrível, por onde êles buscavam aproximar-se, em correrias doidas, para a decisão daquela peleja porfiosa e sanguinolenta.

Afinal, antes de chegar ao Angico, por já ser, então, notável o número de artilheiros mortos e feridos pela ferócia daquela malta infeliz de sertanejos rudes, e, também, o de animais de tiro abatidos no transcorrer da luta, sucedeu o irremediável: de repente, a bateria imobilizou-se.

Nesse momento, o coronel Pedro Nunes Tamarindo, que havia retornado à retaguarda — no afã, talvez, de reparar, naquela hora desesperadora, o êrro que, por fraqueza ou por apatia, cometera em não ter assumido, conforme lhe impunha o pôsto, o comando da expedição, logo que foi ciente da morte de Moreira César — ao dar com aquela cena impressionante, de heroicidade e abnegação, representada ali por Salomão da Rocha à testa de seus comandados, ordenou reiterados toques de *alto*, na persuasão de que ainda pudesse salvar aquêles poucos homens que se não quiseram desonrar na fuga. Em vão, porém, soaram as cornetas, estrídula e convulsivamente, as notas daquele toque, saílvador, talvez, daquelas vítimas de um destino injusto, se atendido pelos que fugiam. Porque êstes, longe de se deterem, para o auxílio aos companheiros que ali estavam na iminência do aniquilamento, corriam com mais pressa ainda, alarmados, esbaforidos, desorientados, vento por tôda a parte o inimigo misterioso.

Veio, então, o epílogo daquele drama estupendo da artilharia. Mal perceberam os pandilheiros que ela se imobilizara, e já não podia prosseguir na marcha, atiraram-se, com desmarcada fúria, contra o valente soldado sergipano que a comandava e contra os escassos supérs-tites das guarnições das peças, e os deixaram, ali, sem vida, golpeados, impiedosamente, a facão e a foice.

Se o corpo, porém, de Salomão da Rocha, ficou ali, naquele chão crestado pelas soalheiras, o seu nome saiu dali, para engastar-se, por todo o sempre, gloriosamente, na História Pátria.

Salomão era, positivamente, de boa têmpera, como o aço de seus canhões. Por isso, não esmoreceu, não fraquejou, não se deixou levar na enxurrada dos apavorados: morreu lutando, como os bravos morrem.